



DOI: 10.14295/rlapc.v8i12.126

Paternidades Insubmissas: Família QUEER

José Amaro da Costa¹

¹ Doutorando em Educação na UNR – Universidad Nacional de Rosario - Argentina; Pesquisador do NuQueer da UFRPE e professor convidado do Instituto Libertas.

Resumo: Este artigo foi pensado para dar voz ao que é estigmatizado, muitas vezes silenciado e indesejado pelos defensores de modelos tradicionais quando o assunto é paternidade, educação e família. Para tanto, é necessário dialogar sobre o contexto da experiência paterna separada de uma masculinidade tóxica e hegemônica. Também considerar a liberdade de existências e dar visibilidade e respeito às famílias que transgridem a matriz binária de sexualidades. Destaca-se nesse artigo relatos obtidos através de uma entrevista com dois pais homossexuais que vivem a paternidade via adoção, impulsionando transformações na sociedade.

Palavras-chave: Paternidade; Educação; Família Queer.

Unsubmissive Paternities: QUEER Family

Abstract: This article was designed to give voice to what is stigmatized, often silenced and unwanted by advocates of traditional models when the subject is parenthood, education and family. To do so, it is necessary to dialogue with the context of the paternal experience diverted from a toxic and hegemonic masculinity. Also consider the freedoms of existence and give visibility to families that transgress the binary matrix of sexualities. Highlights in this the reports obtained in an interview with two homosexual fathers who experience fatherhood through adoption, driving transformations in society.

Keywords: Fatherhood; Education; Queer Family.

A questão do pai não se trata de saber como tornar-se livre em relação a ele (questão edipiana), mas como é que se encontra um caminho onde ele não encontrou nenhum”

(Deleuze e Guattari, 2003: 29).

Introdução

Desejo marcar inicialmente que tenho uma enorme proximidade com quase tudo que está escrito aqui, seja no campo da sexualidade não normativa, seja na educação que inclui a afetividade como pilar da não violência nas pedagogias *queer*. Estou fora, por enquanto só da paternidade, que ainda não a exerço.

Esse texto, portanto, apresenta as minhas inquietações como pesquisador que pontualmente me fazem debruçar no que denomino de rupturas necessárias nos campos sociais e epistêmicos e principalmente construir produções teóricas abertas como preconiza a epistemologia crítica.

No campo das concepções sociais, as relações familiares passam por processos de questionamentos e consequentes alterações. Seus arranjos já são diversos e em muitas situações se distanciam de um modelo tradicional de dimensões biologicistas e de caráter binário. A função de pai já não é exercida exclusivamente pelo homem nem a de mãe pela mulher.

As reflexões que contam nesse texto buscam reafirmar essa diversidade familiar, pois o modelo nuclear instalado em muitas sociedades com visão ancorada na cis-hetero¹ patriarcalidade já não se sustenta e passou por muitas mudanças. É indispensável discutir a construção da paternidade em contextos contemporâneos diversos a partir de registros do modelo tradicional e hegemônico e também das configurações fora da normatividade consideradas “excêntricas”. Para citar alguns exemplos, as não parentais e as de famílias homoafetivas.

O foco das explanações é a afetividade paterna que se estende para o filho e que constrói a família. O afeto não depende do masculino heterossexual como a única representação do pai. Além disso, há que se considerar que essa figura clássica está em crise, pois ora é sacralizada pelos fundamentos da família nuclear e ora é demonizada por convenções que tripudiam o exercício desse papel. Com base nisso, o lugar aqui da paternidade será um lugar não cristalizado nem consagrado ao homem pela narrativa da geração da vida. Também não vamos tratar da construção de identidades fixas como essas paternidades criadas para gerar e governar a vida dos corpos dóceis típicos da sociedade patriarcal. Esse é um conceito altamente valorizado pelo capitalismo com seus interesses

¹ Denominamos cisgênero para a pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído em seu nascimento.

em produção/reprodução de seres para gerarem riquezas. O caminho é dispersar essas incoerências que têm produzido sofrimento, dor e neuroses. Socioeducativamente aponto para as questões que seguem.

Como a paternidade pode ser lida? Como a paternidade pode ser produzida?

O que muito me interessa com esses questionamentos é o entrelaçamento existente entre os valores presentes na família e os desafios da educação para acolher essas novas demandas. O encerramento do modelo binário põe fim à hegemonia poderosa nos discursos e práticas dessa natureza nas relações sociais. O normal passa a ser a diversidade de corpos, existências, etnias e famílias *queer*.

1.1 Noções preliminares: “Queer”. O que é isso?

Vou elucidar de maneira bem simples a partir de perspectivas que construí através de um marco teórico grandioso, com aportes iniciados na década de 1980 com o surgimento das discussões que até hoje só avançam. Sem aprisionar outros entendimentos possíveis, me aproximo das ideias de Moira Perez, filósofa e ativista argentina, que em 2017, numa entrevista foi convocada para responder o que é *queer*. Ela adiantou que se chegaram até ali buscando uma definição, era uma pergunta que não teria uma resposta única.

Diante de infindáveis definições, encontramos na obra *Um Corpo Estranho* (LOURO, 2018) o seguinte:

A moral não queer. Nem a lei. Nem o direito. Isto é certo. Mas certeza tampouco é queer. O governo nunca é queer. Mas dizer “nunca” não é nada queer. Nada? Cuidado! O gay talvez seja queer. Ah! “talvez” é sempre queer. Sempre? Não, isso não é queer. Mas deixemos de tanta cautela (isso, sim, é queer! [...]) Porque tudo pode ser queer. E tudo pode deixar de sê-lo[...]

Queer significa em inglês estranho, esquisito, além de ser uma forma preconceituosa e violenta de abordar indivíduos homossexuais, e que vem sendo ressignificada nos campos teóricos do gênero e da sexualidade. O vocábulo foi reapropriado e tem produzido uma “epistemologia”, ou um conjunto de articulações políticas, intelectuais denunciando as opressões generificadas.

Vou me aproximar também de Leopoldo (2020) quando menciona que se trata dos e das incontáveis, dos e das descartáveis, do subalterno, do imigrante, da louca, da bicha, da lésbica, da travesti, do homem afeminado, da ralé brasileira, do refugio humano nos termos de Zigmunt Bauman (2005), na obra *Vidas Desperdiçadas*, e dos de existência precária para pensarmos em Judith Butler (2019) em sua obra *Vida Precária*.

O queer vai tornar visível os desafetos cravejados nas violências e nas injustiças dos que são punidos e perseguidos no mundo escolar por escaparem do controle, por serem marcados como estranhos, anormais, indesejáveis. Uma via possível para transformar essa realidade é fomentar a afetividade no processo educativo.

1.2 Homoparentalidade

Excluindo a soberba normativa, penso que é possível marcar a história das famílias incorporando uma perspectiva de desenvolvimento humano distante de fundamentos que pouco contribuem para uma sociedade harmônica, igualitária e progressista em valores humanos. Dedico-me a situar e desemaranhar o tema da sexualidade que comumente causa silêncio e desconforto para muitos.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2020. p. 100).

Ao me referir à homossexualidade, é preciso mencionar o resquício da relação dela com a definição de desvio da sexualidade. Basta lembrar que houve um fim formal da patologização iniciado em 1973 quando a Associação Americana de Psiquiatria decidiu retirá-la do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos. Essa retirada foi seguida no Brasil pelo Conselho Federal de Medicina e pelo Conselho Federal de Psicologia e finalmente, em tratados da Organização Mundial de Saúde. Toda essa construção de ideia de desvio no espaço médico é bastante criticada na obra de Michel Foucault (2020), investida nos dispositivos da sexualidade que foram produzidos no século XVIII visando à natalidade, moralização dos pobres e os controles judiciário e médico das perversões com o argumento de proteger a sociedade.

O termo homoparentalidade é originalmente francês e foi criado em 1997 pela Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (APGL). A homoparentalidade significa que ao menos um indivíduo homossexual assume a responsabilidade por uma criança. (ROUDINESCO, 2003).

Para ilustrar, menciono uma experiência coletada em uma entrevista da Rádio Libertas (Clubhouse²) veiculada em 10 de outubro 2021, em que dois pais que se afirmam homossexuais, de classe econômica privilegiada, atuantes na área jurídica, adotaram uma criança de nove anos. Nesse cenário, foi feito um questionamento por parte do mediador à luz do que colocou a pensadora e psicanalista infantil francesa Françoise Dolto (2018) *de como a criança recomeçou todo o seu trabalho psíquico na estruturação simbólica da família e do seu pai da família de origem?*

Os pais atuais esclareceram que não existe por parte deles um movimento ou qualquer esforço de apagamento da experiência vivida pela criança em sua família de origem, até porque um deles tem vínculos familiares nessa família também. Vale esclarecer que o processo de adoção ocorreu seguindo todos os trâmites jurídicos e se deu em virtude das limitações, por parte da família de origem que se encontrava em situação de grandes vulnerabilidades, que estavam afetando a manutenção e desenvolvimento da criança. Dessa forma, o distanciamento da criança da sua família de origem segue um curso natural, e vai acontecendo gradativamente a transmissão de outros valores pela atual família.

Ainda que se fale na dimensão psicológica do luto vivido pela criança durante a adoção em relação aos pais de nascimento ou da instituição que esteve vinculada, no caso apresentado, tudo vem se apresentando em circunstâncias tranquilas.

Diariamente existe uma prática adotada pela família, que foi ampliada com a chegada da criança, de os três conversarem no horário noturno e fecharem o ciclo daquele dia sobre as questões vividas. Dessa forma não se acumulam problemáticas e são criados espaços de debate para questões que emergiram de qualquer ordem.

Sobre a compreensão de família, diz Bourdieu:

A família em sua definição legítima é um privilégio instituído como norma universal. Privilégio de fato que implica um privilégio simbólico: o de ser como se deve, dentro da norma, portanto, de obter um lucro simbólico da normalidade. Aqueles que têm o privilégio de ter uma família adequada podem exigí-la de todos, sem ter de se perguntar pelas condições (por exemplo, uma certa renda,

² Clubhouse é um aplicativo de nova rede social aberto que conta com a presença de celebridades e salas de bate-papo sobre diversos temas e foi lançado em 2020.

um apartamento etc.) de universalização do acesso ao que exigem universalmente (BOURDIEU, 1996, pp. 130-131).

Tal definição me assombra por um lado na dimensão do poder-saber (FOUCAULT, 2020), mas me impulsiona por outro. Numa relação de poder, a família atua de maneira disciplinar quando, por exemplo, os pais repreendem a menina de pernas abertas e a corrigem; mas estimulam o menino a sentar-se exatamente de pernas abertas como posição apropriada, num processo sociocultural validado. A questão que me impulsiona é quebrar essas barreiras e partirmos para a formação de seres efetivamente humanos despidos de rótulos masculinistas.

1.3 Simbolismo do pai

Sem lei simbólica, sem ordem paterna, a família é encarada como pervertida, sujeita a deteriorar a célula-base da sociedade e atacada por conservadores e negadores das transformações.

Assim, a família é certamente uma ficção, um artefato social, uma ilusão no sentido mais comum do termo, mas uma “ilusão bem fundamentada” já que, produzida e reproduzida com a garantia do Estado, ela sempre recebe do Estado os meios de existir e de subsistir (BOURDIEU, 1996, p. 135).

Foi possibilitado à criança eleger como seria o tratamento dado aos dois pais. Diante da liberdade existente no contexto, a criança elegeu chamar um deles de *papai* e o outro de *painho*. De forma positiva e dinamizante, a criança constrói o mundo de pertencimento. Nas palavras de Dolto:

Isso é o encontro com o outro no eco do que a criança diz que respeite seu ser. E é isto que é importante na linguagem[...] de sermos verdadeiros ao que sentimos, qualquer que seja essa verdade - o verdadeiro, não o imaginário (DOLTO, 2018, p. 18).

As ideias cerceadoras da liberdade de que a criança não se desenvolve plenamente sem um pai homem e sem uma mulher mãe e que pais homossexuais gerariam filhos homossexuais, foram contestadas por um dos pais durante a entrevista. Ele mencionou ter um pai heterossexual, ter sido criado por um padrasto também heterossexual e reconhecer-se como gay, desfazendo esse condicionamento muito presente no imaginário social e com influência forte de pai heterossexual originando um filho heterossexual.

1.4 Paternidade exercida sobre violência social

Tão logo a criança ingressou no lar, foi amplamente dialogado com ela pelos pais o significado do amor, do acolhimento, da afetividade, que eles configuravam uma família fora dos padrões conhecidos e que em muitos momentos seriam apontados por romperem um modelo tradicional. A verdade estava ali instalada, incluindo a sexualidade dos pais, ainda que fosse externamente perturbada.

A família é o cristal no dispositivo da sexualidade: parece difundir uma sexualidade que de fato reflete e difrata. Por sua penetrabilidade e sua repercussão, voltada para o exterior, ela é um dos elementos táticos mais precioso para esse dispositivo (FOUCAULT, 1988, p. 105).

Dessa maneira, e concordando com o autor acima, é que na primeira semana de convivência e ainda no processo de socialização no condomínio onde reside em um bairro elitista da cidade do Recife-PE, foi abordada por outra criança que mencionou que seus pais eram “gays”, um fato que já era de seu conhecimento, mas que confirmava os desafios a serem vividos.

Educação

2.1 Escola legitimando a nova configuração de família

Ao fazer contato com alguns estabelecimentos de ensino sobre o modelo pedagógico ofertado, os pais estavam buscando uma boa formação para seu filho, porém muito atentos sobre como a escola lidava com a construção de novas famílias. Quando decidiram por uma determinada escola, sabiam que mesmo sendo trabalhada nesse espaço educativo uma visão atual de outras famílias possíveis (mãe/pai solteiros, avós que são pais, filhos adotivos, filhos de duas mães, dois pais, pais separados, ausentes e outros arranjos possíveis), seriam inevitáveis violências em virtude de estarem vinculados a uma família de sexualidade não normativa.

2.2 Celebração do dia dos pais

Mesmo com a diversidade de famílias existentes, algumas escolas ainda não romperam com calendários comemorativos e insistem na celebração do dia das mães ou dia dos pais.

Numa dessas celebrações, a criança ficou sem graça de produzir o porta-retrato artesanal onde colocaria a foto da mãe e seria o presente do filho à figura feminina. A atividade artístico-cultural tinha dimensão afetiva e era uma homenagem alusiva ao dia das mães. Isso criou uma situação constrangedora sobre a quem entregar e qual foto levar por serem dois homens.

Em outro momento, a escola no dia dos pais entregou “uma” camiseta para ser pintada em casa junto com o pai. Novamente outro conflito. Para qual pai entregar? Foi quando um dos pais acionou a coordenação, validou o presente, mas se posicionou que aquela família tinha dois pais. A escola desculpou-se, disse se tratar de um equívoco, e enviou a segunda camiseta.

2.3 Afetividade

Optar pela **afetividade** é entrar em contato com pensadores da educação anteriores ao século XIX com uma concepção de ser humano “mais integral”. O afeto teve papel central na obra de pensadores que lançaram os fundamentos da pedagogia moderna. “Nenhum deles deu mais importância ao amor, em particular ao amor materno, do que o suíço Pestalozzi³” (DORA INCONTRI, 2005).

Falar da afetividade é também falar de Wallon⁴ e de suas bases na educação integral, cuja teoria pedagógica mostrou que as crianças têm também corpo e emoções (e não apenas cabeça) na sala de aula, logo a formação integral se dá nas dimensões **intelectual, afetiva e social e não há que se confundir com a escola de tempo integral.**

Ir para a escola é indesejável quando os corpos que não se enquadram no padrão dominante do gênero e da sexualidade vivem experiências sofridas, com incômodos distintos expressados nos xingamentos, nos gestos jocosos e nas agressões

³ Pestalozzi - Pedagogo suíço que defendia a educação dos pobres e enfatizava métodos de ensino destinados a fortalecer as próprias habilidades do aluno.

⁴ Henri Wallon - Médico, psicólogo e filósofo francês com proposta de desenvolvimento intelectual dentro de uma cultura mais humanizada.

permitidas/invisibilizadas por um coletivo dominante, comprometendo o prazer em aprender.

Uma aprendizagem espontânea e livre permite descobertas que colocam o indivíduo em contato com sensações vibrantes, positivas e descarregadas de violências relacionais. O jogo perverso estruturado para formar identidades estáveis e promover adequações dos corpos ao gênero causam dor e sofrimento a quem escapa dessa lógica, possivelmente binária de masculino e feminino, e negligenciam as diferenças.

3 Família QUEER

Mesmo partindo que nossa ideia de família surge do romano *pater*, começo essa parte indagando *se você conhece uma família exatamente igual a sua?* Considere para a sua resposta alguns elementos como filiação e descendência, os antepassados comuns, territórios associados ao parentesco, pertencimento de tribo, clã, patriarcalidade/patrilinidade.

Vou admitir que a resposta ao questionamento tenha sido não, o que nos permite detectar facilmente uma definição de família em transição quando a mídia expõe que o cantor Pablo Vittar adota empresários como pais após crescer sem conhecer o biológico. Ele diz: 'criamos uma grande família' (família socioafetiva). O mesmo se pode mencionar sobre o cantor Jorge Vercillo e sua mulher, que se diziam "grávidos" de oito meses sobre a chegada de sua primeira filha. Como assim, o cantor sentindo-se grávido e afirmar: "Que ela seja um ser humano livre nesse mundo de neuroses e pânico"? Quando há uma indignação, como a do pastor Silas Malafaia em ver um homem trans protagonizando uma campanha publicitária, isso é referência de mudanças que já se instalaram.

A vereadora da cidade de São Paulo Tamy, filha da cantora Gretchen sugere "Vamos boicotar a Natura. Coloca uma mulher para fazer papel de homem no Dia dos Pais. Uma afronta aos valores cristãos. Somos maioria". Tanto a adoção desse personagem para a propaganda quanto a reação da vereadora são sinais de que não há mais como retroceder a um padrão binário, embora isso levante contrariedades.

Por fim, relatos de como pai e filha assumiram juntos a identidade de gênero e de homem trans grávido que dá à luz a uma menina em São Paulo demonstram que as estruturas familiares se alteraram em definitivo.

A família seja atualmente reivindicada como o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições... desde que saiba manter, como princípio fundador, o equilíbrio entre o um e o múltiplo de que todo sujeito precisa para construir sua identidade (ROUDINESCO, 2003, p. 198-199).

Os pais adotivos da menina de nove anos foram indagados, no interior de Pernambuco na cidade de Caruaru, por uma senhora aparentando sessenta anos num estabelecimento comercial, se um era pai do outro. Um deles respondeu que não. O outro era seu marido. Ela surpresa perguntou: E a criança? Ele disse: Nosso filho. Ela estranhou e assim se abriu uma oportunidade para ela vislumbrar essa possibilidade e transformar as suas visões limitadas sobre família.

4 Considerações Finais

O debate e a problematização da tríade paternidade, educação e família queer numa cultura heteronormativa enfrentam a estreiteza de aceitação, o que não impede de existirem e exigirem respeito.

As bases conceituais admitem que cada vez mais cresce o número daqueles que subvertem a ordem dominante histórico-cultural-educativa e que não há mais tanto espaço para uma ordem única. Vivemos uma avalanche de pluralidades.

Acreditamos ter fornecido no mínimo alguns pontos de reflexão sobre valores e a nova maneira de posicionar-se socialmente, seja no singular ou no plural, fora das convenções que regem o gênero e a sexualidade que negam o afeto e impedem a felicidade de muitas famílias.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. 1996. **O espírito de família** In: Razões práticas. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. 2003. **Kafka. Para uma literatura menor**. Lisboa: Assírio e Alvim. [tradução: Rafael Godinho].
- DOLTO, Françoise. **Tudo é linguagem**. 2ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**. A vontade de saber. 10ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2020.

LEOPOLDO, Rafael. **Cartografia do pensamento queer**. 1ª ed. Salvador-BA. Ed. Devires, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2018

ROUDINESCO, Elizabeth. (2003). **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Recebido: 06/11/2021.

Aceito: 24/11/2021.

Publicado: 31/12/2021.